



AFEGANISTÃO

Cobertas da cabeça aos pés

Talibã retoma o maior símbolo de opressão feminina e penaliza chefes de família que não obrigarem o uso da burca. Para ONU, decreto dificultará ainda mais o reconhecimento internacional do governo

Os meses após reassumir o poder com um discurso moderado sobre os direitos femininos, o Talibã anunciou a volta do maior símbolo de repressão do regime às mulheres: a burca. Em um decreto publicado ontem, o chefe supremo do grupo, Hibatullah Akhundzada, ordenou que elas cubram completamente os corpos e rostos em público, apontando esse tipo de véu como melhor opção. "Terão que usar um xador porque é tradicional e respeitoso", afirmou. Segundo o decreto, "as mulheres que não são nem muito jovens nem muito velhas terão que cobrir o rosto quando estiverem na frente de um homem que não seja membro de sua família". O objetivo é "evitar provocações", especifica o texto. "Se não tiver algo importante para fazer fora, é melhor que fiquem dentro de casa", acrescenta. O documento também detalha as punições a que estão expostos os chefes de família que não impuserem o uso do véu integral.

Desde o retorno do grupo fundamentalista islâmico ao poder, em meados de agosto de 2021, o temido Ministério para a Promoção da Virtude e Prevenção do Vício publicou várias ordens sobre como as mulheres devem se vestir. Mas este é o primeiro decreto nacional sobre o assunto. Até agora, o regime exigia que elas usassem pelo menos um hijab, véu que cobre a cabeça, mas deixa o rosto descoberto.

"O Islã nunca recomendou o xador", ressaltou uma militante dos direitos das mulheres que vive no Afeganistão, em entrevista à agência France-Presse. "Os talibãs, em vez de avançar, retrocedem. Comportam-se como no seu primeiro governo, são os mesmos de 20 anos atrás", acrescentou a ativista, sem se identificar.

O Talibã impôs o uso da burca durante seu primeiro regime, entre 1996 e 2001, fase em que conduziu uma forte repressão aos direitos das mulheres, de acordo com sua rigorosa interpretação da sharia, a lei islâmica. Na época, os agentes do Ministério da Promoção da Virtude açoitavam pessoas flagradas sem a burca.

AFP



Mulheres em Kandahar: texto publicado justifica a volta do véu "porque é tradicional e respeitoso", além de "evitar provocações"

Reação

Os Estados Unidos, que invadiram o país em 2001 e retiraram as últimas tropas em agosto do ano passado, expressaram preocupação com as novas restrições. "Estamos extremamente preocupados, porque os direitos e o progresso que as mulheres e meninas afegãs fizeram e dos quais desfrutaram nos últimos 20 anos estão erodindo", disse um porta-voz do Departamento de Estado à France-Presse. Washington e seus parceiros internacionais estão "profundamente preocupados com as recentes medidas tomadas pelo Talibã", incluindo restrições à educação e a viagens, destacou o funcionário.

A missão das Nações Unidas no Afeganistão criticou duramente o decreto e disse que a decisão cria novas dificuldades

para o grupo militante obter reconhecimento internacional como o governo legítimo do país. Em um comunicado publicado em seu site, a ONU afirmou que o texto "contradiz inúmeras garantias sobre respeito e proteção de todos os direitos humanos dos afegãos, incluindo os de mulheres e meninas, que foram fornecidas à comunidade internacional por representantes do Talibã durante discussões e negociações na última década."

De volta ao poder em agosto, depois de duas décadas de presença militar dos Estados Unidos e seus aliados no país, o Talibã prometeu estabelecer um regime mais tolerante e flexível. Mas, rapidamente, tomou medidas contra as mulheres. Em março, após meses garantindo que permitiria a educação para as meninas, o Talibã ordenou o fechamento das

escolas do ensino médio para o sexo feminino, poucas horas depois de abrir suas portas. Foi uma mudança de atitude inesperada, que justificou o argumento de que "a educação das meninas deveria ser feita em conformidade com a sharia".

O Talibã também impôs a separação entre homens e mulheres nos parques públicos de Cabul, com dias de visita alocados para cada sexo. Ainda em março, os islâmicos ordenaram às companhias aéreas no Afeganistão que impedissem as mulheres de voar a menos que acompanhadas por um parente.

Com a volta do regime, as mulheres tentaram preservar seus direitos manifestando-se em Cabul e em outras grandes cidades. Mas os protestos foram violentamente reprimidos e muitas afegãs acabaram detidas por semanas.



As que não são nem muito jovens nem muito velhas terão que cobrir o rosto quando estiverem na frente de um homem (...). Se não tiverem algo importante para fazer fora, é melhor que fiquem dentro de casa"

Hibatullah Akhundzada, chefe supremo talibã

FRANÇA

Esquerda é desafio a Macron

Ao tomar posse, ontem, para um novo mandato de cinco anos, o presidente Emmanuel Macron prometeu trabalhar "sem descanso" por uma França mais autônoma e forte. Na cerimônia, ele também reafirmou seu compromisso com a renovação do país. "Agir sem descanso com um objetivo: ser uma nação mais independente, viver melhor e construir nossas respostas francesas e europeias aos desafios do nosso século", disse o centrista, no Palácio do Eliseu.

O segundo governo de Macron, porém, já começa em um cenário de forte adversidade. Ao contrário de 2017, sua aliança de centro-direita enfrentará uma esquerda unida, que busca impedir o de realizar reformas controversas, como aumentar a idade de aposentadoria de 62 para 65 anos, além de uma extrema direita forte.

Numa convenção realizada em Aubervilliers, no norte de Paris, líderes de quatro partidos selaram a criação da Nova União Popular, Ecológica e Social (Nupes), a primeira frente de esquerda em duas décadas para enfrentar Macron nas eleições legislativas do próximo mês. "A eleição presidencial não resolveu nada. Macron é um presidente sem mandato", estimou Jean-Luc Mélenchon, que obteve quase 22% dos votos no primeiro turno da disputa presidencial.

Nas eleições legislativas, Macron buscará renovar sua maioria parlamentar. As sondagens já evidenciam, poucas semanas após a disputa presidencial, que grande parte dos franceses desejam que saia derrotado das urnas.

Apesar de a cerimônia ter ocorrido ontem, o novo mandato de cinco anos começa oficialmente dia 14. Só aí será nomeado o novo primeiro-ministro. A aparente dificuldade de Macron em encontrar um nome ideal para o cargo alimenta especulações.

A ex-chefe de gabinete do primeiro-ministro socialista Manuel Valls, Véronique Bédat, atual diretora-gerente do grupo imobiliário Nexity, teria recusado a oferta, assim como a deputada socialista Valérie Rabault, que indicou ter sido abordada e recusada por não concordar com o plano de aposentadoria de 65 anos. O Eliseu garante, por sua vez, que "o presidente não ofereceu o cargo de primeiro-ministro a ninguém".

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

Com Henrique Delgado

QUEM DESORGANIZA O MUNDO

Com muito atraso, o Federal Reserve (FED) elevou os juros nos EUA em 0,5 ponto, a maior alta em 22 anos, para enfrentar a pior inflação em 40 anos. Prometeu ainda aumentos adicionais nas próximas reuniões, uma postura mais conservadora na política monetária, demonstrando mais atitude do que declarações. A expectativa é que os juros cheguem a 3,5% no fim do ano. Com a economia, apesar de tudo forte, o inquieto mercado norte-americano assimila o aumento com mais tranquilidade, mas espalha pânico no mundo.

A inflação ao consumidor no país mostra estabilidade com energia e commodities como os vilões. O problema é o aumento, ainda maior, do custo dos empréstimos para o consumidor e as empresas, atingindo em cheio

imóveis, cartões de crédito e automóveis. Em um país rico, de vida cara, o Banco Central reage sem precisar de inteligência e criatividade, igual ao que faz o BC brasileiro, outro samba de uma nota só. Aperto monetário é o único guru poderoso para derubar o consumo e evitar a recessão. A inflação é um pernilongo que pousa, pica e deixa ali coçando, podendo virar infecção grave.

A guerra absurda de Putin na Europa, além da morte imediata que espalha pela Ucrânia, pressiona o preço do petróleo e de alimentos, contribui decisivamente para desorganizar o mundo, ameaçando os mais pobres. Mas atinge, de alguma forma, a todos.

A China contribui também para a bagunça político-econômica mundial tanto pelos

bloqueios que impõe em virtude da covid-19, que não arrefece, quanto pela característica ultra intervencionista da política interna atual. Provocou interrupções na cadeia de suprimentos, encareceu fretes, endureceu a repressão contra opositores, dificultou a concessão de vistos de entrada a estrangeiros. E convive, cada vez mais, com a certeza de que o país não vai conseguir atingir a meta de crescimento de 5,5% em 2022. Como as principais forças do crescimento são investimentos no setor imobiliário, consumo das famílias e exportações, restrições fortes para compra e venda de propriedades e imóveis, mercado de trabalho mais fraco, surtos de covid e restrições governamentais nas empresas mais

produtivas, devem levar o crescimento para bem abaixo do previsto. A situação se agrava porque a parceria Xi-Putin está de pé e demonstra que o esquerdismo oriental não descansa e ainda é mais forte do que o diálogo. Especialmente quando chamam invasão de país de "busca de resultados estratégicos".

A Europa é a região mais atingida pelos efeitos econômicos do descontrole emocional da Rússia. Novas previsões para crescimento econômico já levam em consideração uma forte queda no crescimento da região. Além disso, a expectativa de inflação cresceu com algum risco de estagnação. Sem contar que o preconceito contra imigrantes se agrava.

O Brasil não se emenda e não sabe se comportar internacionalmente. Os dados da economia não são bons. Indústria caiu, mesmo com exportações em alta. Mercado permanece bem

fraco, gerando preocupação em toda a cadeia do setor automotivo. Comércio um pouco melhor, mas ainda abaixo de 2021.

Um consumidor com dificuldades, em virtude da queda real de salários, endividamento, mercado de trabalho fraco e juros em forte elevação. Sem preço e renda é difícil convencer alguém a ser consumidor. O fantasma da inflação alta e da remarcação voltou. Estocar e fazer despensa fica cada vez mais difícil. Mudar de marca, comprar no bairro, usar pouco carro mostra o que é a inflação e como começa a queda da qualidade de vida da população.

Em outubro tem eleição com forte característica e superficialidade doutrinária, mas diferente do que vemos em países europeus e nos EUA. Lá a doutrina se dá por diferentes visões de política, enquanto no Brasil, por antagonismo e rixa. Esse tipo de eleição diminui o peso de

argumentação econômica e gera um debate com menos conteúdo e densidade. O baixo orgulho que a lei e a ordem despertam no país explica porque a noção de dever e responsabilidade com o futuro estão escancaradamente mal situados no discurso dos candidatos. Eleição dogmática não deixa espaço para escolha programática.

É, para piorar tudo, a convergência sem ambiguidade dos dois principais candidatos à Presidência apoiando a Guerra da Rússia revela o nível do humanismo na cabeça de líder. Há opiniões que expressam a alma. E guerra é o fim da política, decisão de matar e engolir o sol dos outros. É nesse clima de desorganização e símbolos ruins que o brasileiro passará pela torrente de melancolia até as urnas de outubro.

PAULO DELGADO, sociólogo